

Avaliação educacional: geografia de textos na Internet – explorações iniciais¹

ZACARIAS JAEGGER GAMA (Coordenador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

DANIEL BEDIRIAN COELHO
JORDAN ARAGÃO CAMELO
Discentes de Pedagogia. Bolsistas de Iniciação Científica

Introdução

O ciberespaço é o mundo digital constituído pelas redes de comunicação global, especialmente a Internet. Contudo, não está tão somente formado por cabos, fibras ópticas, computadores, servidores e roteadores: são os seres humanos que o mantêm vivo e pulsante. No sentido mcluhaniano, trata-se da conformação da aldeia global, com os circuitos elétricos como extensão do próprio sistema nervoso central do homem. Para Gibson, que pela primeira vez usou o termo, o ciberespaço é uma espécie de "alucinação consensual vivida por milhões de pessoas, como linhas de luz arrumadas no não-espaço da mente, cachos e constelações de dados" (Ática, 2005) ².

O ciberespaço, como ecossistema coletivo, apresenta-se hoje como modificador do processo comunicacional tradicional, sem ser, entretanto, um agregado de informações autônomas. Na perspectiva de Cunha (2003, p. 198) consiste num processo permanente de adesão, do qual cada usuário participa, sem, todavia, criar uma área autônoma de informação que existe no não-lugar. São as redes digitais que articulam as conexões globais, independentemente do local geográfico. Neste sentido, as redes são o próprio espaço na acepção de Cunha (2003, p. 201) ³ e nelas o hipertexto define-se como um "conjunto de nós informacionais (compostos de imagens, textos e sons) suportado por plataformas digitais", com

¹ O presente estudo resulta da pesquisa "Arqueologia dos textos de avaliação na WEB", realizada no âmbito do Núcleo de Gestão e Avaliação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em associação com o Grupo de Pesquisa "Trabalho, Cultura, Conhecimento e Formação Humana", coordenado pelo Prof. Dr. Gaudêncio Frigotto, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Também contribuíram para a realização do presente: Allan Correa Castro Belanga, Thiago Luiz Alves dos Santos e Paulo Henrique Coutinho. Sua realização foi possível graças aos apoios institucionais da EDU/UERJ bem como do Programa de Bolsas de Iniciação Científica.

² ÁTICA, Editora (2005): Glossário Internet. Disponível no site: http://www.atica.com.br/Internet/glossario_c.htm. Acessado em outubro de 2005.

ELIE, M. (2002): Internet e desenvolvimento: um acesso à informação com mais equidade? In EISENBERG, J, e CEPIK, M. (Orgs.). Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp. 277-292.

³ CUNHA, P. *Espaço tecnológico e espaço comunicacional: ciberespaço, novas centralidades, novas periferias*. In LEMOS, A, e CUNHA, P. (Orgs.) (2003): Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, pp. 197-231.

sistemas de publicação e consumo não lineares. Bueno & Vidotti (1999)⁴ vêm a principal rede de computadores (a Internet) pulsando neste ciberespaço como uma grande biblioteca, na qual os diversos usuários planetários são agentes ativos dos processos de armazenamento, de indexação, recuperação e disseminação de documentos eletrônicos hipertextuais. Trata-se, desta perspectiva, de uma biblioteca auto-organizada em permanente mutação.

No entanto, o crescimento exponencial da informação na Internet faz com que ela, às vezes, seja subutilizada. Rosenfeld e Melville (1999), citados por Bueno e Vidotti (1999), afirmam que somente alguns usuários têm claro o tipo de informação que precisam e onde pode ser localizada. A maioria, porém, está compreendida por aqueles que sabem de que informações precisam, mas não sabem exatamente onde estão localizadas ou mesmo se existem; e alguns usuários que não sabem com certeza o que esperam encontrar, pois não sabem precisamente o que existe sobre o assunto; e, finalmente, alguns outros que querem tudo sobre um assunto específico.

Elie (2002)⁵, ao discutir a Internet e seu desenvolvimento, observa que este volume de informações não está sequer sendo democratizado. Grande parte da população mundial não tem acesso a elas devido à precariedade e à falta de redes telefônicas, equipamentos pessoais (PCs e servidores, per exemplo), assim como em consequência das dificuldades e dos altos custos de funcionamento (telecomunicações, manutenção, administração de servidores, inexistência de banda larga etc.). Nestas condições, admite que muito da WEB (*World Wide Web*), está voltado para “a satisfação das necessidades dos consumidores dos países ricos” e dos “centros de pesquisa das unidades mais adiantadas do Norte”. Elie (2002) considera a Internet um instrumento de desenvolvimento, argumentando ser imprescindível colocá-lo a serviço dos centros de pesquisa brasileiros, distantes dos centros educacionais, e do próprio comércio (facilitando compras, vendas, licitações etc.).

Como se pode deduzir, mapear este não-lugar não é fácil. Seus parâmetros essenciais, diz-nos Cunha (2003), deixam de ser as fronteiras geográficas. Os lugares são substituídos pelos processos de integração dos sistemas, nos quais os computadores permitem, além da possibilidade de trânsito neste não-lugar, resolver problemas típicos deste ciberespaço desordenado, caótico, dialético, fragmentado, no qual os indivíduos em sua solidão social se comunicam virtualmente e publicam o que querem, longe e alheios aos controles da mídia.

Se considerarmos apenas vinte países, atingimos a fantástica soma de mais de 80 milhões de indivíduos que usam a Internet, segundo dados disponibilizados pela Internet World Stats em 2004 (MINIWATTS INTERNATIONAL/INTERNET WORLD STATS, 2005)⁶. O Brasil, neste ranking, ocupa o 12.º lugar, com quase 20 milhões de usuários. Dados mais recentes produzidos pelo Ibope/NetRatings, veiculados em fevereiro de 2005, mostram que o Brasil já tem mais de um milhão de usuários da Internet em banda larga

⁴ BUENO, Márcia Correa, VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Uso estratégico das Ferramentas de Busca na Internet. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL “PROF. DR. PAULO TARCÍSIO MAYRINK, 3, 1999, Marília. *Anais...* Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1999.

⁵ ELIE, M. (2002): Internet e desenvolvimento: um acesso à informação com mais equidade? In EISENBERG, J., CEPIK, M. (Orgs.). *Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp. 277-292.

⁶ MINIWATTS INTERNATIONAL/INTERNET WORLD STATS. INTERNET USAGE STATISTICS - The Big Picture World Internet Users and Population Stats. Disponível em <http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>. Acessado em outubro de 2005.

⁷, o que corresponde a 6,4% do seu total de internautas, situando-se à frente da Argentina (3%) e do México (1%), porém, abaixo da Venezuela (9%).

Para se ter uma idéia do volume de publicações na WEB, somente buscando a palavra avaliação em determinadas ferramentas de busca, folgadoamente atingimos a casa dos milhões de resultados, como se pode ver na tabela mostrada a seguir:

TABELA 1
Resultados de busca da palavra "Avaliação"

CATEGORÍAS	FERRAMENTAS DE BUSCA	RESULTADOS
Catálogo	Google <www.google.com.br>	5.060.000
Temática por palavra-chave	Radar UOL <www.radaruol.com.br>	82.139
Biblioteca eletrônica de periódicos brasileiros com texto completo	SciELO <http://www.scielo.org/index.php?lang=pt>	3.998

Dados de outubro de 2005.

Por um lado, tal volume de publicações chama a nossa atenção pela quantidade veiculada, e, por outro, por nossa ignorância a respeito: pouco ou nada sabemos sobre os conteúdos, abordagens, qualidade e importância dos textos veiculados; menos ainda, sobre as contribuições que podem trazer para os estudos acadêmicos relativos à avaliação.

É neste contexto problemático e grandioso que se justifica o presente texto e a investigação em curso, realizada no âmbito do Núcleo de Gestão e Avaliação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: "Arqueologia de textos de avaliação na WEB". O presente texto tem como objeto as produções de avaliação contendo estudos, experiências, técnicas e metodologias em circulação na WEB, mas que não tenham sido publicadas ainda graficamente em livros ou periódicos indexados. Nos limites aqui existentes, o objetivo é encontrar respostas para as seguintes questões: Em que tempo e lugares geográficos ocorrem? Quais são seus autores? Mais especificamente pretende ensaiar uma geografia da Internet com o deliberado intuito de identificar em que lugares geográficos ocorre a produção veiculada pela Internet.

⁷ Nosso critério metodológico leva em consideração o número de computadores por domicílio e/ou de computadores por domicílio com acesso à Internet. Sabemos, no entanto, ser esta metodologia bastante insuficiente porquanto não estamos considerando o número de pontos de acesso coletivo (Telecentros ou Cibercafés). Aliás, em excelente trabalho Sorj e Guedes, "Exclusão Digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas" (2005), confirmam ser maior a média de acesso por domicílio que o número de pessoas acessando a Internet por computador. Eles aduzem também haver famílias de classe média possuidoras de mais que um computador por domicílio.

Geografia de usuários da Internet

Castells, em sua excelente "Geografia da Internet: lugares em redes" (2003), informa-nos que a Internet tem uma geografia própria, configurada por redes e *nós*⁸, que impõe uma transformação espacial das cidades e regiões. Ele analisa também as dimensões desta geografia, levando em consideração a infraestrutura, conexões entre roteadores e as linhas de telecomunicações, e nos ensina que, ao contrário do que se poderia pensar, há grandes aglomerações espaciais que coincidem com áreas metropolitanas de hoje e com as instalações de *backbones*⁹.

O mesmo autor também nos informa que, de um ponto de vista mais técnico, pode-se ver que os EUA exercem papel central, sendo como um poderoso *backbone* que roteia milhões de conexões de vários locais do globo. Porém, com o avanço tecnológico dos *backbones*, em particular nos países europeus, essa situação começou a se modificar e, atualmente, os EUA já deixaram de ser o único caminho para diversas partes do mundo cibernético. Quanto à geografia dos usuários, informa-nos que a difusão mundial da Internet segue um padrão espacial, porém, bastante fragmentado, conforme a riqueza, tecnologia e poder. Informa-nos ainda que os indivíduos e/ou grupos de usuários são muito diferenciados em função da distribuição desigual da infraestrutura tecnológica, riqueza e educação. Quando considera a economia, Castells (2003) observa que a geografia da Internet é marcada pela geografia dos provedores de conteúdos¹⁰, domínios¹¹ e *backbones*.

Em termos espaciais, Castells (2003) leva em consideração a alta taxa de penetração da Internet nos países desenvolvidos, e vê coincidir a geografia da Internet com a dos países mais ricos, aparecendo os EUA como o país com maior número de usuários, com 203 milhões de conexões. Nesta mesma perspectiva, ele também destaca alguns subtemas tais como a produção de conteúdo e o seu simples consumo, observando ser a produção de conteúdos extremamente concentrada e elitizada, configurando assim uma assimetria entre estes, a produção de conteúdo e seu consumo, inclusive quando se toma como base de comparação os países mais incluídos digitalmente, dentre os quais os EUA destacam-se como produtor mundial de conteúdo ao lado de alguns outros países desenvolvidos. Observa-se, entretanto, que o Japão se encontra entre os países consumidores que produzem muito pouco conteúdo.

Por razões óbvias, nos EUA, segundo Castells (2003), existe grande concentração de produção de conteúdos para a Internet, mas é interessante observar que se encontra aglomerada, principalmente nas áreas metropolitanas. Das vinte cidades com maior produção de conteúdos para a WEB, dezessete delas se situam em território estadunidense, destacando-se a cidade de Nova York como campeã. Dois fatores contribuem acentuadamente para a concentração metropolitana das conexões da Internet. Um deles decorre do fato de os provedores de acesso se concentrarem nas áreas metropolitanas e nos tecnopólos de

⁸ Os *nós* são locais por onde a conexão passa dirigindo-se ao seu destino. Quando em dimensões enormes, podem ser chamados de *backbones*.

⁹ Os *backbones* são "espinhas dorsais", isto é, conexões de altíssima velocidade mantidas pelos governos ou grandes companhias de telecomunicações ("carriers"). O Glossário disponibilizado pela editora Ática (http://www.atica.com.br/Internet/glossario_b.htm) diz-nos ainda que podem ser de tipos diferentes: cabos de fibra óptica, terrestres ou submarinos, de alta capacidade; conexões de microondas entre duas antenas; links via satélite etc.

¹⁰ Os provedores são produtos de empresas que provêem acesso discado via modem e de alta velocidade à Internet a empresas e usuários domésticos. São exemplos de provedores o Uol, Aol, Ig, Terra etc.

¹¹ Os domínios são registros de páginas (Home Pages) junto aos seus provedores. Exemplos: .org, .br, .com, .adv, .edu, .gov, etc.

grandes empresas, uma vez que esse é o seu principal público alvo, capaz de gerar altos lucros. Outro é a concentração, nesta área, de conhecimento, serviços de saúde, educação e empregos, permitindo inclusive a atração de pessoas mais capacitadas para tal área, as quais podem usufruir diariamente da WEB, não só no trabalho e para este.

Entretanto, é interessante observar que, a despeito das concentrações metropolitanas, começa a ocorrer nos países desenvolvidos um processo de descentralização, sobretudo a partir das grandes empresas, que se afastam das grandes metrópoles e migram para áreas periféricas, de onde, com a utilização de poderosa infra-estrutura cibernética, podem se manter conectadas em tempo real com os centros de decisões do mundo inteiro, e não só de sua cidade. Muito embora no Brasil, essa tecnologia ainda esteja restrita aos centros metropolitanos, ainda assim é possível identificar movimentos tímidos para as periferias, obviamente dependendo da infra-estrutura capaz de sustentar a migração de grandes empresas. Na cidade do Rio de Janeiro um pequeno ensaio dessa tendência vem se desenhando claramente com a migração de grandes empresas para a Zona Oeste, onde se localiza principalmente o bairro da Barra da Tijuca que possui melhores instalações, espaço físico, segurança, tecnologia e mão de obra qualificada¹².

Em sua "Geografia da Internet" (2003)¹³, Castells aponta-nos a existência de "um mundo urbanizado de metrópoles esparramadas" e de novos padrões de mobilidade urbana. Voltando o olhar para a nossa realidade, também começamos a ver fenômenos semelhantes, principalmente em relação aos usuários/incluídos da Internet, em conformidade com a riqueza, tecnologia e poder. Em pesquisa realizada por Neri (2003)¹⁴, a renda média desses usuários/incluídos digitais domésticos é de R\$ 1.677,00 (um mil seiscentos e setenta e sete reais), uma renda relativamente alta se comparada à de muitos outros que vivem no país. Também, como consequência, é alta a escolaridade média desse grupo, sendo quase o dobro da média do resto do país, 8,72 contra 4,81 anos. Além disso, seus integrantes também trabalham menos horas do que o resto da população e se localizam, em sua maioria, na região sudeste e sul do país. Assim, quando se fala no Brasil que uma pessoa entra no grupo de inclusão digital doméstica (IDD), pode-se tirar diversas conclusões, tais como: renda relativamente alta, residência no sul ou sudeste do país, alta escolaridade e jornada de trabalho semanal mais curta, em sua maioria. Centrando nosso foco no Estado do Rio de Janeiro, o número de usuários/incluídos digitais domésticos é de pouco mais de 2 milhões, o que totaliza um bom percentual dos 16 milhões de todo o país.

Focalizando mais de perto o Estado do Rio de Janeiro podemos notar a existência de forte aglomeração de conexões e, por conseguinte, de usuários/incluídos, principalmente as conexões de qualidade (banda larga) nos municípios mais ricos (Niterói, Rio de Janeiro, Volta Redonda, Resende e Petrópolis) e nos bairros mais ricos da cidade do Rio de Janeiro: Lagoa, Barra da Tijuca, Botafogo, Tijuca e Vila Isabel. Percebe-se, curiosamente, que a inclusão digital acaba mostrando também a enorme aglomeração, principalmente de acesso de qualidade, ocasionada muitas vezes pela existência de serviços,

¹² Para maior aprofundamento a respeito do bairro Barra da Tijuca ver: Da Silva, L. A. G. Barra da Tijuca: o concebido e o realizado. Revista geo-paisagem (on line). Ano 3, n.º 6, Julho/dezembro de 2004. Disponível no site http://www.feth.ggf.br/Barra.htm#_ftnref2. Acessado em outubro de 2005. Neste trabalho a autora informa que a partir dos anos de 1990 a Barra da Tijuca vem atraindo empresas de porte, tais como Centro Empresarial Barra Shopping, Barra Medical, Centro Médico Richet, Centro Comercial Esplanada da Barra. Amil, Shell, CBF e Unimed.

¹³ CASTELLS, M. (2003): A geografia da Internet: lugares em redes (pág. 170-202). In CASTELLS, M. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar.

¹⁴ NERI, M. C. (Org.) (2005): Mapa da exclusão digital. Rio de Janeiro: FGV/IBRE-CPS, 2003. 143 p. Disponível em: <http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/Texto_>. Acesso em outubro de 2005.

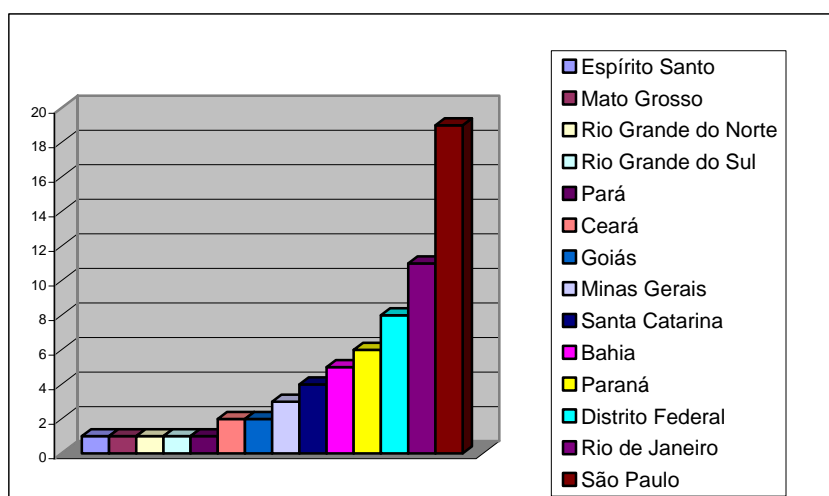
mas principalmente pelas condições econômicas, uma vez que este tipo de serviço, a Internet, ainda possui alto custo para os padrões brasileiros, ficando, assim, restrito ao grupo social mais seletivo. O inverso, obviamente, ocorre em relação à exclusão digital, quando tais serviços inexistem ou quando são extremamente onerosos para determinados segmentos da população. Assim, uma relação diretamente proporcional, abstraída da análise dos dados, pode ser estabelecida quando consideramos a renda média dos segmentos sociais: quanto maior for a renda das pessoas, tanto maiores serão os acessos domésticos e melhor a qualidade das conexões. Nesta mesma relação, observa-se ainda, como variável importante, a maior escolaridade dessas mesmas pessoas.

O computador, a Internet, a banda larga, desta maneira, paradoxalmente, passam a ser meios de alargamento do abismo existente entre as classes de baixa renda e as demais, e também entre os que possuem conexão discada e os que possuem banda larga, já que, muitos conteúdos de melhor qualidade, necessitam de conexão mais veloz para seus acessos, ficando assim praticamente restritos ao grupo mais seletivo de usuários da Internet banda larga, os quais se aglomeram em poucos bairros e em alguns pontos deles. A este respeito, porém, considerando somente a relação países ricos e países pobres, Elie (2002), perguntando-se sobre a equidade no acesso à informação veiculada pela WEB, já chamou a atenção para o deslocamento da “fratura informacional” entre ricos e pobres. Em sua opinião, se a configuração deste verdadeiro *tecno-apartheid* continuar avançando, será inevitável maior dependência perante os países ricos do hemisfério norte. A esta opinião podemos, desde já, acrescentar, que o fenômeno em termos nacionais se repete no interior das nações, cidades e bairros, discriminando ricos e pobres ou incluídos e excluídos.

Geografia dos textos de avaliação

O gráfico 1 mostra-nos a produção de textos por Estados da Federação. Seus dados resultam de pesquisa na ferramenta Google, realizada no período compreendido entre 16 e 27 de setembro de 2005. Na ocasião foram encontrados 14.512 resultados com a palavra-chave “avaliação educacional – texto”, dos quais somente 65 correspondem a textos acadêmicos integrais, representando 0,45% do total.

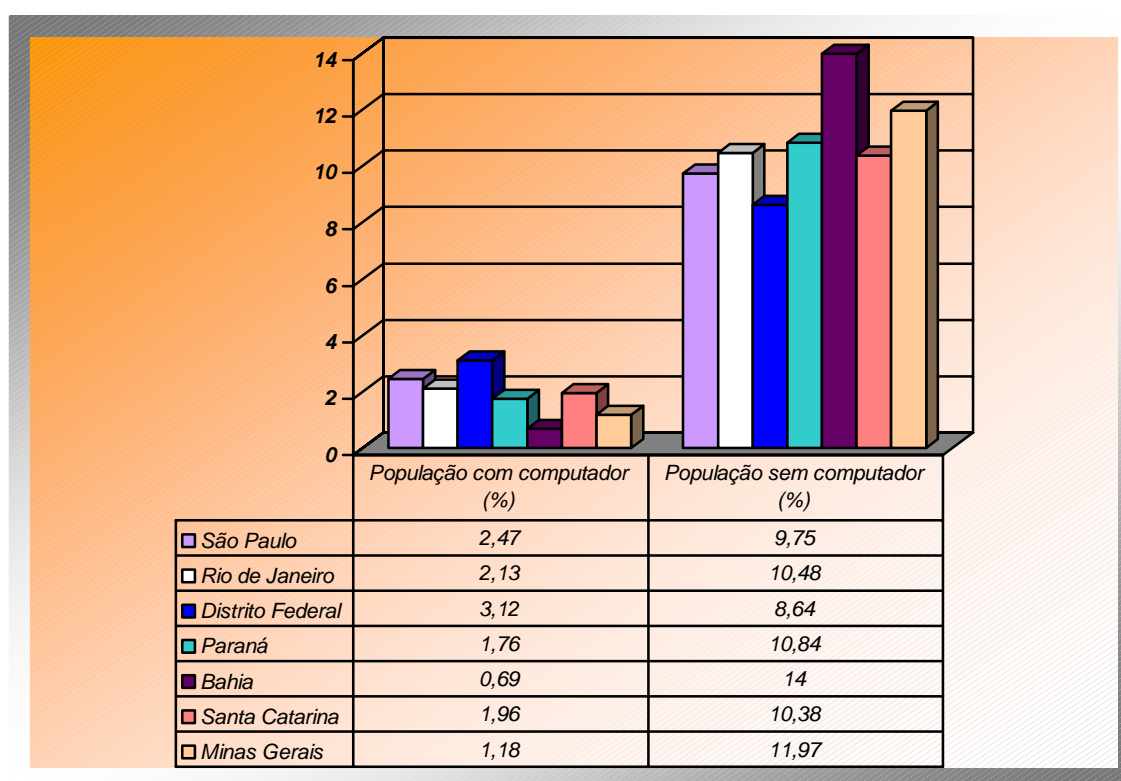
GRÁFICO 1
Locais de produção de textos de avaliação



Os locais de maior produção dos textos, como se pode ver no Gráfico 1, são, por ordem, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. São Paulo e Rio de Janeiro, na região Sudeste, são os estados que apresentam a maior proporção de moradores com acesso a computador. Segundo dados do IBGE (2005)¹⁵, em São Paulo, há, aproximadamente, 2,17 milhões de domicílios particulares permanentes com computadores com acesso à Internet, o que corresponde ao percentual de 2,47% do total da população. No Rio de Janeiro, para o conjunto de 0,77 milhões, a proporção é igual a 2,13%, e em Brasília/Distrito Federal, com um conjunto de 0,16 milhões a proporção é de 3,12%.

O gráfico 2 demonstra-nos bem a situação de inclusão e exclusão digital entre os estados que apareceram em nossa pesquisa de produção de textos de avaliação.

GRÁFICO 2
População em domicílios permanentes com/sem computadores



FONTE: Sistema IBGE de Recuperação Automática. Tabela 2387.

Além destes locais principais, há ainda que destacar a produção realizada em outros estados: Paraná, Bahia, Santa Catarina e Minas Gerais, os quais formam outro grupo importante nesta produção de textos de avaliação.

Outras Unidades da Federação constituintes de um terceiro grupo, que se caracteriza por uma produção ainda incipiente, são: Espírito Santo, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Pará,

¹⁵ IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Tabela 2387. Rio de Janeiro : IBGE. Disponível no site www.sidra.ibge.go.br. Acessado em outubro de 2005.

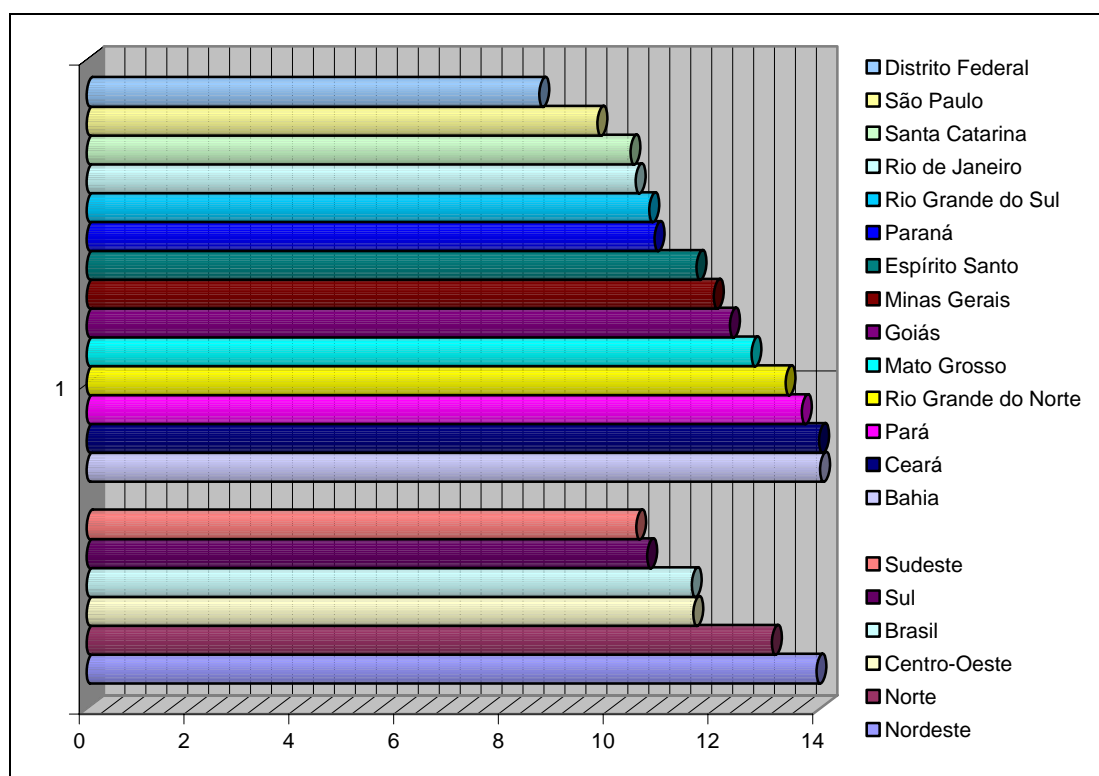
Ceará e Goiás. Estes estados são, também, aqueles com maior percentual de exclusão digital, o que faz emergir uma relação entre a exclusão e a produção textual, sendo inversamente proporcional. Em cada um destes estados o percentual de domicílios permanentes, sem computadores e acesso à Internet, em todas as classes de rendimento mensal domiciliar, segundo dados do IBGE (2005), é superior a 10% do total de domicílios.

Segundo a mesma fonte, os estados da Região Norte, Centro-Oeste e Nordeste são aqueles que têm menor acesso à Internet e à rede de telefonia. Tal fato, em nosso entendimento, ao mesmo tempo, reflete a prioridade das políticas públicas, a concentração e a centralização de capital, tecnologia e de centros de pesquisa na Região Sudeste do Brasil.

A geografia dos textos de avaliação em circulação na WEB – abrangendo textos das categorias avaliação educacional, avaliação institucional, avaliação em educação a distancia, e avaliação de programas e políticas, em consequência, permite-nos desenhar um mapa assaz interessante, que, no que se refere à Internet, acaba por desvelar fortes contrastes entre ricos e pobres e entre locais dotados de infraestrutura e meios adequados de acesso de qualidade e locais menos assistidos ou totalmente desassistidos pelas políticas públicas governamentais que, em consequência, acabam por excluí-los, ao permitir acessos caros e de baixa qualidade, etc.

O gráfico 3 consiste num mapa da exclusão digital que mostra, em porcentagens, a quantidade de domicílios permanentes que em 2003 encontravam-se sem computador.

GRÁFICO 3
Mapa da exclusão digital



FONTE: Sistema IBGE de Recuperação Automática. Tabela 2387.

Uma geografia deste tipo, pelo menos em tese, parece seguir a mesma lógica do desenvolvimento capitalista, sobretudo quando identificados na perspectiva dos lugares em que são escritos. Tais lugares, que aparecem como centros ativos de produção de estudos e textos em avaliação, são, sem dúvida, aqueles com maior desenvolvimento tecnológico como é o caso das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

A cidade do Rio de Janeiro, em particular, dispõe, hoje, da mais sofisticada tecnologia de transmissão em alta velocidade, conhecida como *GigaEthernet*. Com o domínio desta tecnologia, o *backbone* da Rede-Rio/Faperj, do qual participam cerca de cem instituições de ensino, de pesquisa e os governos municipal, estadual e federal, é capaz de transmitir dados via Internet à velocidade de 1 *gigabit* por segundo, podendo ainda disponibilizar vídeos em tempo real e desenvolver engenharia de tráfego, redes inteligentes e programáveis, gerenciamento, coletas, tratamento e apresentação de diversas estatísticas de tráfego, novos protocolos e outros serviços. Para se ter uma idéia, passa a ser possível, em apenas 1 (um) segundo, transmitir todo o conteúdo da Enciclopédia Britânica e em 10 segundos, enviar um filme de longa metragem com imagens de alta qualidade.

Serviços importantes assim, aos quais ainda se somam os da telefonia fixa, móvel e WAP (*Unwired Planet*)¹⁶, apresentam-se presentes nesses locais onde o investimento tecnológico é constante, podendo ser responsabilizados por mudanças radicais nos hábitos dos usuários. Se antes precisavam se deslocar diariamente ao banco a fim de efetuar suas transações, agora existe a possibilidade de o fazerem pela Internet, telefone e *lap-top*, com as facilidades da tecnologia *Wireless Fidelity (Wi-Fi)*¹⁷, proporcionando, segundo Castells (2003), uma mobilidade metropolitana multimodal que agiliza os processos e aumenta a produtividade.

Considerações finais

Este texto resulta da pesquisa “Arqueologia de Textos de Avaliação em circulação na WEB”, desenvolvida no âmbito do NUGA da Faculdade de Educação da UERJ a qual se insere no conjunto de pesquisas dos estudos de gestão e avaliação da educação em seus termos mais amplos. Seu objeto, como vimos, consiste em produções de avaliação com estudos, experiências, técnicas e metodologias em circulação na WEB, ainda sem publicação física, seja em livros ou periódicos indexados. Nos limites estabelecidos, o objetivo foi encontrar respostas para a seguinte questão: em que lugares geográficos ocorrem tais produções? Mais especificamente se quis ensaiar uma geografia da Internet, mapeando esses lugares.

¹⁶ A tecnologia WAP, segundo informações de Planeta Celular: informação e comunicação na WEB provê um método de comunicação por meio de redes sem fio rapidamente, com segurança e eficiência, utilizando-se, mas não restrito a dispositivos telefones celulares, pagers, rádios e PDA's. A WAP oferece a oportunidade de integrar bancos de dados, conteúdo dinâmico, comércio eletrônico trafegando via um dispositivo WAP que pode ser entendido como uma compilação de protocolos reunidos para cobrir muitos aspectos das comunicações sem-fio (dispositivos móveis). Disponível em: <http://www.planetacelular.com.br/wap.htm>.

¹⁷ É um novo serviço sem fios que permite conexão à Internet de Banda Larga em locais públicos, tal como em casas, restaurantes, bibliotecas, escritórios. Permite ainda consultas a e-mails, conversas no Messenger, ou simplesmente navegar na Internet a alta velocidade.

Nesta trajetória, muito embora não tenha sido nosso objetivo primordial, percebemos, pela análise dos dados, que a concentração de usuários domésticos coincide com a concentração da renda. E isto nos levou a uma série de considerações, pois, sendo possuidores do privilégio de acesso a partir de sua residência, acabam também acessando vastas fontes de conhecimento, mais amplamente, ainda, se considerarmos os usuários de banda larga.

O simples acesso à Internet, porém, não é critério de inclusão. Muitos até, conectam-se por telefone ou com *hardwares* defasados, isto é, não significa acesso completo e de qualidade aos conteúdos cibernéticos. Para muitos usuários isto implica altos custos, o que nos leva a questionar se, de fato, a Internet tem sido um meio de inclusão ou, mais acentuadamente, de exclusão social. Afinal sabemos que a simples difusão da inclusão digital não gera os resultados esperados na medida em que não são universalizados outros bens sociais, o que no caso brasileiro supõe políticas públicas de universalização da eletricidade, telefonia, tecnologias de transmissão de dados (Wireless), Wi-Fi, etc., ou seja, de investimentos necessários à manutenção das condições de inclusão, no mínimo em função do nível de obsolescência das tecnologias atuais.

Não por acaso a produção de textos de avaliação reflete as tensões entre regiões com maior e menor desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, bem como maior ou menor concentração de capital e rendas: São Paulo, o Rio de Janeiro, o Distrito Federal, o Paraná, a Bahia e Santa Catarina. Não obstante, chama a nossa atenção o posicionamento da Bahia neste conjunto, sendo uma Unidade Federativa com percentuais baixos de população com computador em domicílio, bem ao contrário do Distrito Federal, por exemplo.

Chegamos, pois, ao que Elie (2002)¹⁸, já nos falou anteriormente: o volume de informações em circulação na Internet não está sequer sendo democratizado. As dificuldades dos usuários de baixa renda são um fato a ser superado, mas, enquanto isto permanecer e se tornar crônico, são os próprios segmentos da minoria que, historicamente, vêm assumindo os melhores e mais elevados postos de trabalho e mando em nosso país, que se apresentam, igualmente, como os que mais se beneficiam, reproduzindo e alargando suas esferas de dominação a partir do monopólio das informações veiculadas via WEB.

Bibliografia

- ÁTICA, Editora (2005): *Glossário Internet*. Disponível no site: http://www.atica.com.br/Internet/glossario_c.htm. Acessado em outubro de 2005.
- BUENO, M. C., VIDOTTI, S. A. B. G. (1999): *Uso estratégico das Ferramentas de Busca na Internet*. In: Simpósio Internacional "Prof. Dr. Paulo Tarcísio Mayrink", 3, 1999, Marília. *Anais...* Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências.
- CASTELLS, M. (2003): *A geografia da Internet: lugares em redes*. In CASTELLS, M. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 170-202.
- CUNHA, P. (2003): *Espaço tecnológico e espaço comunicacional: ciberespaço, novas centralidades, novas periferias*. In LEMOS, A; CUNHA, P. (Orgs.) Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, pp. 197-231.

¹⁸ ELIE, M. Internet e desenvolvimento: um acesso à informação com mais equidade? In EISENBERG, J., CEPIK, M. (Orgs.) (2002): Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp. 277-292.

- DA SILVA, L. A. G. (2005): *Barra da Tijuca: o concebido e o realizado*. Revista geo-paisagem (on line). Ano 3, n.º 6, Julho/dezembro de 2004. Disponível no site http://www.feth.ggf.br/Barra.htm#_ftnref2. Acessado em outubro de 2005.
- ELIE, M. (2002): *Internet e desenvolvimento: um acesso à informação com mais equidade?* In EISENBERG, J; CEPIK, M. (Orgs.). *Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp. 277-292.
- IBGE (2005): *Sistema IBGE de Recuperação Automática. Tabela 2387*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível no site www.sidra.ibge.go.br. Acessado em outubro de 2005.
- MINIWATTS INTERNATIONAL/INTERNET WORLD STATS. INTERNET USAGE STATISTICS (2005): *The Big Picture World Internet Users and Population Stats*. Disponível em <http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>. Acessado em outubro de 2005.
- NERI, M. C. (Org.) (2005): *Mapa da exclusão digital*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE-CPS, 2003. Disponível em: http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/Texto_. Acesso em outubro de 2005.
- SORJ, B., GUEDES, L. E. (2005): *Exclusão Digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas*. Disponível no site: www.bernardosorj.com.br. Acessado em outubro de 2005.